

JUVENTUDES, BAIRRO E COTIDIANO EM JUIZ DE FORA**Rafael Santos Silva**

Graduando em Geografia - UFJF

silvars777@gmail.com**Clarice Cassab**

Profa. do PPGEQ/DEGEO – UFJF

Coordenadora do NuGea

clarice.torres@ufjf.edu.br**RESUMO**

Este trabalho tem como finalidade analisar e discutir as formas pelas quais jovens de dois grupos de bairros, de perfis econômicos distintos, na cidade de Juiz de Fora, constroem as imagens e estabelecem os usos de seus locais de residência. O trabalho parte do entendimento da centralidade do bairro para a construção de sentidos de pertencimento e afinidade, a partir de seu uso e da organização coletiva que os indivíduos criam no seu dia-a-dia. Para tanto, o trabalho realizará uma comparação entre jovens residentes nos bairros Santo Antônio e Vila Esperança II, e Bom Pastor e Granbery da cidade de Juiz de Fora.

Palavras chave: jovem, bairro, espaço público

ABSTRACT

This work aims to analyze and discuss the ways by which teenagers from two neighborhoods, from distinct economic profiles, in the city of Juiz de Fora, build images and establish the use of their living places. The work begins from the understanding of the centrality of the neighborhood to the construction of belonging and affinity senses, by its use and collective organization, that each person creates daily. Therefore, this work will realize a comparison between teenagers residents neighborhoods in St. Anthony and Village Hope II, and Good Shepherd and Granbery the city if Juiz de Fora.

Keywords: teenagers, neighborhood, public space

1. Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa “Jovens e a cidade: um estudo em Juiz de Fora”,¹ realizada pelo grupo Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação – NUGEA, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Na pesquisa, foram escolhidos quatro bairros de perfis distintos. São eles: Santo Antônio do Paraibuna (Zona Leste), Vila Esperança II (Zona Norte), Granbery (Zona Central) e Bom Pastor (Zona Sul). Os dois primeiros caracterizam-se por serem bairros de classe baixa enquanto os últimos são considerados bairros de classe média/alta.

¹ A pesquisa contou com o auxílio de bolsa de iniciação científica do CNPq e da Propesq/UFJF.

O objetivo deste texto é apresentar alguns apontamentos sobre as formas pelas quais grupos de jovens, residentes em bairros de perfis sócio-econômicos distintos da cidade de Juiz de Fora, se relacionam com seus bairros e como do seu bairro eles projetam a cidade. Entende-se que o bairro é o ponto de partida pelo qual os jovens vão tecendo suas teias de relações com a cidade. Segundo MAYOL (1996) o bairro é como um

[...] pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência (MAYOL, 1996. pag. 41).

Dele, os passos dos jovens trilham caminhos pela cidade, tendo um importante papel nas formas de convivência e sociabilidade, criadas pelo seu compartilhar cotidiano. O bairro pode ser considerado sob várias dimensões, em suas características históricas, estéticas, topográficas, sócio-econômicas etc. (MAYOL, 1996. pág. 41), sendo definido por LEFEBVRE (1975) como integrante do espaço e do tempo da cidade. Para o autor, o bairro teria:

[...] a diferença mínima entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e pelos centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais etc) em espaço comum, quer dizer, geométrico. (LEFEBVRE, 1975, p. 200-201).

No entanto, as formas pelas quais se estabelecem as relações com o bairro são múltiplas e diferentes, sendo resultantes de processos distintos e desiguais, isso porque o bairro é um pedaço de uma totalidade maior - a cidade - e que, por essa razão, sua compreensão somente é possível em sua correlação com essa totalidade. Assim,

[...] a compreensão das relações que os jovens tecem pela cidade a partir de seus bairros pressupõe o entendimento da existência histórica-concreta de seus bairros na cidade. Ele não é uma unidade autônoma e atemporal. Sua produção, organização e expressão são resultantes das formas e processos históricos de constituição da cidade como totalidade (CASSAB e MENDES, 2011, p. 10).

Para identificar a importância que um bairro tem para alguns dos jovens da cidade de Juiz de Fora, na pesquisa foram realizadas entrevistas com jovens entre 17 a 24 anos, de cada bairro, separados em dois grupos: bairros de classe baixa e bairros de classe média/alta.

A metodologia utilizada foi a partir da aplicação de questionários estruturados e realização de entrevistas (baseadas no roteiro semi-estruturado) com a finalidade de obter informações respectivamente, quantitativas e qualitativas.

Os questionários foram compostos por perguntas relacionadas à compreensão da cidade e do bairro pelos jovens; as relações estabelecidas no bairro; o que os jovens acham de bom e de ruim em seu bairro; e como é ser jovem em seu bairro e na cidade. O questionário estruturado foi aplicado e respondido pelos próprios jovens com auxílio dos monitores que coordenaram as entrevistas.

Foram entrevistados 40 jovens ao todo sendo 10 jovens em cada bairro. As entrevistas realizadas foram feitas com a reunião dos jovens, e nessas reuniões entrevistávamos somente jovens do bairro. Foi optada pela reunião de mais de dois jovens para as entrevistas, para que na fala de um jovem, outro poderia comentar complementando essa fala, com intuito de criar diálogos entre eles. Paralelo a aplicação de questionários foram realizados trabalhos de campo para registrar as condições físicas e estruturais de cada um dos bairros.

Assim, pretendeu-se discutir e analisar as diferenças relatadas pelos dois grupos de jovens sobre os bairros, destacando as formas de relações e as imagens que possuem sobre o seu próprio bairro. Para tanto, o trabalho organiza-se em três momentos. Primeiramente, apresenta as características dos jovens entrevistados e dos quatro bairros pesquisados. Posteriormente, são apresentadas as falas dos jovens sobre os bairros e a cidade com intuito de estabelecer uma leitura comparada. Por fim, são feitas as considerações finais, indicando novas possibilidades de estudo.

2. Os jovens e seus bairros:

Os jovens dos bairros Granbery e Bom Pastor são na maioria estudantes de nível universitário. Todos se autoidentificam como brancos e possuem trabalhos relacionados ao próprio curso a que estão vinculados (bolsa e estágios), sem, no

entanto, ajudarem nas despesas familiares. Sua renda familiar varia de R\$ 1.500,00 a R\$ 12.000,00. Muitos desses jovens moram no próprio bairro desde que nasceram e grande parte são da cidade de Juiz de Fora.

A partir dos dados dos questionários pode-se criar a tabela a seguir, na qual é possível verificar as diferenças dos jovens residentes nos bairros de classe média/alta.

Tabela 01. Comparação dos jovens dos bairros Bom Pastor e Granbery

Comparação dos bairros de classe média alta	
Bom Pastor	Granbery
40% tem uma atividade remunerada	80% tem uma atividade remunerada
Muitos jovens estudantes morando em república ou com amigos	A maioria dos jovens moram com os familiares
90% das famílias possuem renda acima de R\$ 5.001,00	80% das famílias possuem renda em torno de 1.501 a 4.000 reais mensais
90% dos jovens estudaram em rede particular	70% dos jovens estudaram em rede particular

Fonte: arquivo do grupo NUGEA, 2011

Os jovens dos bairros Santo Antônio e Vila Esperança II têm, na maioria, escolaridade até o ensino médio. Metade dos jovens se auto-identificam como brancos e a outra metade como negros. Alguns deles têm atividades remuneradas e ajudam nas despesas de casa. A renda familiar varia de R\$ 500,00 a 1.500,00. Assim como os jovens dos bairros de classe média/alta, esses jovens, em sua maioria, moram no bairro desde que nasceram, sendo que grande parte deles nasceu em Juiz de Fora.

Na tabela a seguir é possível verificar as diferenças dos bairros de classe baixa.

Tabela 02. Comparação dos jovens dos bairros Santo Antônio e Vila Esperança II

Comparação dos bairros classe baixa	
Santo Antônio	Vila Esperança II
70% jovens moram com os pais	60% jovens moram com os pais
90% estudaram em rede pública	100% estudaram em escola pública
30% dos jovens tem uma atividade remunerada	60% dos jovens tem uma atividade remunerada
Na família a renda varia de menos de 500 a 3.500 reais mensais	Na família a renda varia de 501 a 1500 reais mensais
A atividade mais realizada pelos jovens em primeiro lugar é o esportes	As atividades mais realizadas em primeiro lugar são: a leitura e a internet

Fonte: arquivo do grupo NUGEA, 2011

Granbery e Bom Pastor apresentam uma boa estrutura física (ruas asfaltadas, iluminação, rede de esgoto, água tratada etc), sendo bem conservados pela prefeitura, que os mantém em boas condições. O Granbery é um importante e tradicional bairro próximo ao Centro de Juiz de Fora. Pela proximidade do Centro, o Granbery tem algumas ruas movimentadas e um comércio crescente, além de muitos equipamentos, em sua maioria privados. Muitas pessoas utilizam-no para passagem ou para serviços. No entanto, o bairro é majoritariamente residencial, com população em torno de seis mil habitantes.

Já no Bom Pastor, a presença de equipamentos público/privados é pequena. Em parte, isso se explica pelo fato de que os próprios moradores desejam manter o bairro com características predominantemente residenciais, pois consideram ser essa uma estratégia para manterem a tranquilidade do bairro. O Granbery e o Bom Pastor apresentam praças e ruas pouco movimentadas. Poucos são os jovens que usam com frequência as praças e as ruas do bairro com o intuito de promover encontros. Outro aspecto a ser destacado é o caráter verticalizado do bairro Bom Pastor. Sendo um dos bairros de maior renda da cidade, é grande a especulação imobiliária, potencializando a atração de famílias com maior renda e dificultando os encontros em seus espaços públicos.

Nos bairros de classe baixa, as condições das praças, das ruas e da iluminação deixam a desejar, assim como a falta de assistência social. Os indivíduos desses bairros que utilizam as ruas e os equipamentos públicos vêem esses espaços abandonados e em péssimas condições de uso. Cabe, no entanto, a ressalva de que, no caso do Santo Antônio, por ser um bairro antigo da cidade, há uma maior presença de equipamentos públicos e privados quando comparado a Vila Esperança II. Neste último, a dependência dos bairros vizinhos e do próprio centro da cidade para utilização dos equipamentos (postos policiais, posto de saúde,

praças, mercados etc) é ainda maior. No entanto, ambos os bairros caracterizam-se pela grande existência de residências horizontais, na sua maioria em alvenaria, além da presença dos chamados “puxadinhos”.

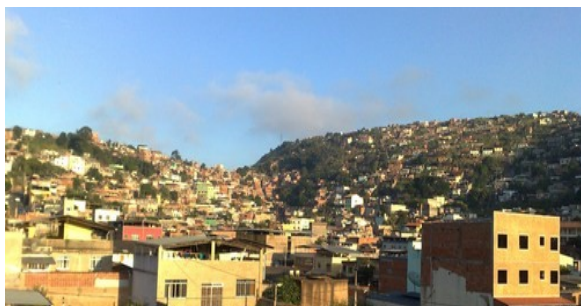
Na tabela a seguir é possível verificar as diferenças dos bairros de classe baixa com as diferenças dos jovens de bairros de classe média/alta.

Tabela 03. Comparação dos jovens dos bairros Santo Antônio e Vila Esperança II com os jovens dos bairros Bom Pastor e Granbery

Comparação dos bairros de classe média/alta x classe baixa	
Classe média/alta	Classe baixa
A menor renda está em torno de R\$1.500,00	A maior renda está em torno de R\$1.500,00
60% dos jovens trabalham	45% dos jovens trabalham
80% estudaram em rede particular	95% estudaram em rede pública
o espaço mais frequentado é o cinema.	O espaço mais frequentado são as praças dos bairros

Fonte: arquivo do grupo NUGEA, 2011

As fotos abaixo ilustram um pouco da estrutura física de cada bairro.



Santo Antônio



Vila Esperança II



Granbery



Bom Pastor

Fonte: arquivos do grupo NUGEA, 2011

Pelos resultados obtidos nas entrevistas realizadas na pesquisa foi possível notar que, pela convivência cotidiana, os jovens vão criando sentimentos de

identidade e pertencimento com os seus respectivos bairros, pois são neles que os indivíduos se relacionam uns com os outros no seu dia a dia. As relações existentes são criadas no cotidiano, pois nesse ambiente social, o bairro constitui para o seu usuário uma parcela do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido (CERTEAU, 1996).

Contudo, essas relações de uso e apropriação que os jovens criam com seu bairro e com a cidade são distintas em função de fatores como os laços identitários existentes, os distintos padrões de sociabilidade e a maior ou a menor ênfase dada a um determinado modo de vida individualista.

Durante a pesquisa, a identificação dos jovens com o seu bairro variou entre os dois grupos estudados. Notou-se que entre os jovens de Santo Antônio e de Vila Esperança II é mais intenso o sentimento de pertencimento. Em seus bairros, esses jovens se sentem reconhecidos e protegidos ao andarem por suas ruas, pois se identificam com o seu vizinho de porta e de bairro, seja pelo modo de vestir-se seja por compartilharem um determinado padrão estético e cultural. É o caso, por exemplo, da sociabilidade e reconhecimento gerados pelo modo “tchun-tcha” de ser².

Assim, quando perguntados quais as imagens que possuem de seus bairros, os jovens residentes em Santo Antônio e Vila Esperança II disseram:

Ah, eu gosto daqui, aqui é bom, igual eles falou, tem violência, tem droga, mas é um lugar bom, eu gosto daqui.

Ah, um bairro bom de se morar, né? Como vocês também falaram, é, tem muita também influência, é, tem muita influência também no bairro, muita briga, violência, tem rixa, eu acho que se não tivesse tantas coisas ruins assim, poderia ser um bairro ainda melhor...

O bairro Vila Esperança II não é um lugar ruim de se viver, é um lugar bom de se viver porque a gente, bom, pode andar livre.

Saúde é mais ou menos. Aqui, é, só falta muito remédio, só isso. Você tem que levantar de madrugada pra consulta, mas o único problema aqui é falta de remédio. As praças estão abandonadas.

Ah, de bom tem muitas coisas. A nossa própria praça mesmo, pra mim é uma das melhores praças públicas que eu acho, né? Tem em

² “Tchun-tcha”: “Moleques de boné, camisa listrada, short pequeno, chinelo kenner, bonézinho solto, com cordãozinho de prata grosso é o ser jovem dos bairros pobres”. Palavras dos moradores do bairro Vila Esperança II. Definição gravada durante entrevista realizada no bairro.

outros bairros, mas se for colocar em vista, assim, Linhares, Bom Jardim, essas praças, assim, ó...

Embora reconheçam a existência da violência em seus bairros e a falta de determinados equipamentos, para esses jovens, viver em Santo Antônio e em Vila Esperança II é algo positivo, pois nesses espaços é possível “andar livre”. A possibilidade do encontro com o outro pelas ruas e praças é o elemento que, para os jovens, positiva seus bairros. Elemento que não aparece dentre os jovens residentes em Bom Pastor e Granbery. Em suas falas, as imagens positivas de seus bairros vinculam-se à oferta de equipamentos e serviços, à proximidade ao centro e à não-violência. Todos estes aspectos conferem aos seus bairros um caráter de tranquilidade. Alguns dos jovens afirmaram:

Moro aqui desde sempre, volto da aula sozinha, passo 11 horas da noite e passo tranquila sem problema nenhum, é um bairro tranquilo, tal, não tem medo... Aqui tem de tudo, tem padaria, tem locadora, tem barzinho, tem mercado, tem tudo perto, eu acho excelente, não penso em mudar daqui.

Muito bom. O bairro é muito bom. Eu moro aqui há vinte anos, desde que nasci, nunca tive problema aqui de assalto, tanto que minha avó mora aqui, meu tio mora aqui, minha família, assim, minha família mais próxima mora toda aqui.

Não tenho problemas, por enquanto ainda tá dando pra você andar tranquilamente aqui, minha irmã tem quinze anos, mora aqui também, cresceu aqui, né?! Pode brincar na rua ainda, essas coisas... Bem perto do centro, né?! Muito bom, eu gosto muito de morar aqui. Eu até quando casar, se Deus quiser, eu vou morar aqui.

Para estes jovens, as ruas e as praças de seus bairros não são lugares de encontro, configurando-se apenas como de passagem. Assim, embora sejam bairros dotados das melhores infra-estruturas e de praças equipadas e conservadas, essas são pouco utilizadas, tendo o seu uso muito mais vinculado à passagem do que à permanência, ao encontro e à convivência.

E mesmo quando se referem a uma possível situação de violência, o problema não aparece como do bairro, mas sim como resultante da proximidade de alguns bairros pobres. Um dos jovens residentes do Bom Pastor disse: “Eu acho que é um bairro tranquilo, porém tem alguns casos de assalto devido à proximidade que tem com algumas favelas como, por exemplo, a Olavo Costa”.

Nota-se, dessa forma, que em suas falas, ao apresentarem os aspectos positivos de seus bairros, os jovens não fazem menção à possibilidade do encontro e às relações existentes entre seus moradores.

O estilo de vida que esses jovens têm e levam são as principais razões para admitirem que não utilizam os espaços do bairro (quando utilizam, fazem uso de equipamentos privados: clubes, academias etc).

Em grande medida, o próprio arranjo espacial do bairro favorece o não-uso de seus espaços públicos para encontros. Isso porque, em ambos os casos, os bairros caracterizam-se por um acentuado padrão de verticalização, marcado pela construção e pela oferta de moradias de alto padrão construtivo que, em muitos casos, disponibilizam em seus espaços internos e privados os lugares de encontro³ que, por seu turno, (re) produzem uma lógica de sociabilidade que se confronta com aquela apontada pelos jovens de Santo Antônio e de Vila Esperança II, fortemente caracterizada pela vizinhança.

Estes aspectos explicam, em parte, os diferentes usos que os jovens têm de seus bairros. Dentre aqueles residentes em bairros de classe baixa, predomina um uso fortemente centrado pela e na confecção de teias de solidariedade e vizinhança, sendo a rua e a praça os lugares a partir dos quais elas são produzidas. Isso porque, nestes bairros, a rua e a praça se constituem como lugar de encontro e de sociabilidade, expondo as diversidades, os interesses comuns, e distintos, recriando as experiências sociais destes jovens cotidianamente.

Modelo que parece não se aplicar no caso dos jovens dos bairros de maior renda. Os seus lugares de convivência são, predominantemente, os espaços privados: as casas, as áreas sociais dos prédios, os bares e/ou o clube, sendo as ruas e as praças usadas predominantemente como passagem.

Para SOUZA (1989), existem diferenças de convivências, dependendo do tipo de bairro;

Nos bairros ricos, os homens vivem juntos sem saber sequer quem é seu vizinho. Mas nas ruas e becos densamente povoados dessas mesmas cidades todos se conhecem bem e se encontram em contato contínuo. Naturalmente, nos becos, como em todas as partes, as pequenas rixas são inevitáveis, mas também se desenvolvem relações segundo as inclinações pessoais, e dentro

³ O mesmo pode ser pensado quando se trata da existência de moradias horizontais, onde predominam as casas de grande valor construtivo.

destas relações se pratica a ajuda mútua em tais proporções que as classes mais ricas não têm ideia.

É neste sentido que foi possível perceber que, de maneira geral, para os jovens de classe baixa entrevistados, os espaços do bairro (suas ruas e praças) são centrais na construção e nas significações das redes de relações sociais que estabelecem entre si, com o próprio bairro e com a própria cidade. Já o outro grupo de jovens acabou por tecer essas redes de forma menos centrada no uso dos espaços públicos. Isso porque, como foi visto, esses jovens tendem a privilegiar contatos mais seletivos e em espaços privados.

4. Considerações finais

Este trabalho pretendeu compreender as relações que os jovens de perfis econômicos e culturais díspares estabelecem com seus bairros. Nele foi possível notar que diferentes modelos de sociabilidade conformam distintas relações com os bairros e os seus espaços públicos.

O que se observa cada vez mais é que a dimensão de espaço público vem perdendo lugar na medida em que prevalecem formas de sociabilidade centradas em arranjos espaciais que celebram a organização da vida cotidiana a partir do uso privado e individualizado das ruas e praças. Isso, pois, como lembra Henri Lefebvre, numa sociedade cada vez mais marcada pelo caráter mercantil nas ruas “(...) caminha-se lado a lado, não se encontra. É o “se” que prevalece. A rua não permite a constituição de um grupo, de um “sujeito”, mas se povoa de um amontoado de seres em busca. De que? O mundo da mercadoria desenvolve-se na rua” (LEFEBVRE, 1999, p.30). Nela, a vida fragmenta-se entre o mundo privado e o público, onde o primeiro é privilegiado, sobrepondo-se ao segundo.

Mas, se de um lado a pesquisa apontou para essa direção, de outro, ela reforçou e reafirmou a centralidade do espaço público na constituição das formas de socialização dos jovens pobres. Para esses, muito mais do que para os jovens de renda média e alta, a rua é o lugar onde se estabelecem suas redes de relações sociais, onde eles se reconhecem com e no outro, sentindo-se pertencentes a um determinado grupo social. É assim que, quando usadas para o encontro e convivência, as ruas e praças dos bairros de classe baixa constituem-se como

verdadeiros espaços públicos. Espaços onde a coexistência propicia a troca, o compartilhar de experiências e a construção de projetos.

É assim que são os bairros populares, os que mais se aproximam ao conceito de lugar, como fora proposto por Milton Santos, pois neles ainda residem os sentidos de co-presença, horizontalidade, contiguidade, vizinhança e interação. São em seus bairros que estes jovens vivem não apenas a experiência da escassez como também as de solidariedade e de interdependência, geradas nas situações cotidianas. Para este autor, o lugar é a extensão do acontecer solidário que define diferentes usos e valores. É espaço de existência e coexistência como “a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, logo da troca de informação, logo da construção política” (SOUZA, 2005. Pag. 253-254).

É preciso ressaltar, no entanto, que essas possibilidades são usadas distintivamente segundo os lugares e os seus habitantes. Dito de outra forma, se é verdade que o bairro é o lugar a partir do qual os jovens trilham seus percursos e suas relações com a cidade, também é verdade que essas serão distintas em função dos diferentes usos e apropriações que fazem dele. Diferenças essas que são, como foi visto, um produto de distinções sociais, econômicas, políticas e culturais.

Assim sendo, os diferentes usos que os jovens pesquisados têm de seu bairro resultam e são resultantes de centralidades distintas que os espaços públicos de seus bairros têm na conformação de suas relações sociais. Isso porque é pelo uso e pelas suas formas de apropriação para a produção da vida – em todos os seus momentos – que os jovens vão significando seus bairros e a própria cidade. É neste sentido que é possível afirmar que, para os jovens de Santo Antônio e Vila Esperança II, mais do que para os residentes em Bom Pastor e Granbery, os bairros são importantes, pois por eles, e a partir deles, são tecidas as relações, as vivências e os encontros que marcam os processos da vida urbana e dão à cidade a sua dimensão política.

5. Referências bibliográficas:

CASSAB, C. e MENDES, J. T. N. **Jovens e cidade: um estudo comparativo em cidades médias**. In: XXVIII Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, 2011, Recife.

BEZERRA, J. A. **Como definir o bairro? Uma breve revisão**. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/viewFile/118/109>>. Acesso em: 10 agosto. 2011

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MAYOL, P; GIARD, L; CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

SANTOS, M. Da **Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. A. **O retorno do território**. In: Milton Santos; Maria Adélia A. de Souza; Maria Laura Silveira. (Org.). Território: Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1994, v. , p. 15-20.

SOUZA, M. J. L. **O bairro Contemporâneo: ensaio de abordagem política**. In: Rev. Brasileira de Geografia, 51. Rio de Janeiro, abr/jun 1989.